A LUTA

A liberdade perene é uma conquista permanente.

ANO 2 | RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE, 6 DE JANEIRO DE 1908 | NUM. 26

Assinaturas

Ano	3$000
6 mêses	1$500
3 mêses	1$000
Número	100

Toda a correspondencia deve ser dirijida a STEFAN MICHALSKI, *rua dos Andradas 64, Porto Alegre — Brasil.*

FIM DE UM REJIME

Para que uma revolução produza todas as suas consequencias, é preciso que os sofrimentos que irritam os corações e armam os braços tenham atinjido a sua mais alta intensidade e ao mesmo tempo sejam esperimentados no mesmo grau pelos desgraçados de todas as categorias.

Si as revoluções do seculo passado não conseguiram o seu verdadeiro objetivo, foi porque as condicões materiais da esi tencia, por precarias que elas fossem, não tinham alcançado o grau de agudez e calamidade que lança as multidões desesperadas e as precipita á destruição definitiva de todas as opressões e tiranias.

Era o que se esijia em 1830, 1848 e 1870.

O quadro que estamos presenciando da situação atual, provanos que o mal estar social, está procsimo a atinjir ao macsimum da gravidade e parece-nos dificil lá chegar sem per gosos resultados. Poderia ainda esperar-se uma certa duração do rejime incoherente que a burguesia fez triunfar, em vista dos manejos por parte dos privilejiados e especialmente pela habilidade que desenvolvem os homens de estado.

Mas para isso seria preciso que a produção industrial e agricola não sofresse, que esistisse uma relativa abundancia de trabalho, não esistindo portanto supressão de especie alguma; que não houvesse rebaixa nos salarios e que não diminuisse a atual aglomeração de trabalhadores nas oficinas; que não se despresassem os braços dos novos concorrentes do trabalho; numa palavra que não esistissem nem suspeitas sequer de crise parcial ou geral.

Entretanto ha crise eesta é geral e não momentanea: e não póde dizer-se que seja um entorpecimento passaieiro da industria ou do comercio, mas, sim, uma crise definitiva, acumulação escessiva de trabalho — um verdadeiro beco sem saida.

Os povos são as vitimas do grosseiro erro cometido no seculo passado, em levar á industria todos os esforços da atividade humana, despresando quasi por completo a terra.

A civilização mal compreendida e muito mal usufruida pelos capitalistas, erijiu, sob o impulso de um lucro desenfreado, em dogma, que o fim de todas as cousas, *aqui abaixo*, é a riqueza. Como o solo não pode proporcionar ao homem mais do que a subsistencia, porque com o trabalho da terra os lucros não alcançam tão colossais proporções, a civilização desviando-se de suas vias naturais emprestou toda a prepoderancia á industria mecanica, esajerando deste modo o seu valor social.

O mal tornar-se-ia relativo si só um ou dois paises, a França e a Inglaterra, suministrassem ao mundo inteiro os seus produtos. Mas, desde logo cada povo mostra-se ambicioso pelo seu desenvolvimento industrial, luta para fazer-se independente mente do estranjeiro e encarniçad mente procura suplantar os seus visinhos.

Atualmente por toda parte, surjem novas fábricas dotadas de todos os aparelhos mais aperfeiçoados. e os povos jovens abordam com febre a luta industrial.

E' chegado o momento; quando os armazens estão repletos e a procura de jeneros estaciona, é uma prova que ha superproducão.

Acredita-se que a crise seja passajeira, espera-se pelo restabelecimento d s saidas. E' isto uma pura ilusão. Estamos num verdadeiro circulo de ferro.

Fernando Maurice.

O esclusivismo patriotico, não é senão o egoismo dos povos, nem de menos consequencias fatais que o egoismo individual: isola divide os habitantes de paises diversos, escita-os de preferencia a serem nocivos um ao outro a au siliarem-se mutuamente; é o pai deste monstro horrendo e sanguinario que se chama guerra. — *Lamennais*

Belezas do Militarismo

VASTO CEMITERIO. — Com este titulo o *Matin* de Paris publicou sobro os acontecimentos de Marrocos os trechos que seguem:

«A cidade tem um aspeto desolador. Os marroquinos da tribu fujirna. As devastações são consideraveis: não se caminha dez passos sem encontrar um morto em um lago de sangue. As ruas estão desertas; parece que um cataclismo tenha reduzido a nada toda população e que, nós, viajores, atravessamos uma cidade morta.

Na frente dos armazens saqueados, montões de trapos e vestimentas atulham as sarjetas.

O ar está infecionado pelo fedor dos cadaveres que mostram feridas horriveis.

Uma infinidade de moscas zumbem em volta da carnajem e toda cidade é iluminada, mesmo durante o dia, pelos reflecsos pavorosos do incendio. Os raios do sol, a custo penetram através do fumo que escurece o ceu.

Nesta solidão os tiros de carabina ecôam ainda. De onde vem estes projetis! Impossivel sabe-lo. No entanto, quando cheguei a cidade era bela e bem iluminada pelos raios vivificantes do sol. Hoje, não é mais que um amplo cemiterio...

Casabranca, 8 de agosto. — O fedor insuportavel dos cadaveres em decomposição que obstruem todas as ruas, o aspecto desta cidade trespassada pelos obitos, entulhada pelos cadaveres decompostos de cavalos e marroquinos misturados e os montões de objectos de diferentes generos provenientes do saque de armazens, impedem o transito, é verdadeiramente assustador.

Afunda-se até os joelhos no trigo, centeio e aveia esparços em profusão pelo solo entre as caixas vasias, fazendas e objetos diversos.

Todas casas de comercio estão completamente vasias e as vitrinas estragadas.

A cidade arabe não é mais que um montão de ruinas fumegantes.

Por toda parte encontram-se cadaveres de marroquinbos inchados pela decomposição em posturas as mais horriveis e estranhas. Lá estão que nem montes de podridão. Vão recolhe-los sem delonga, pois que a atmosfera torna-se irrespiravel, produz nauseas.

Tenho anciedade de fujir desta horrivel carniçaria cuja visão me perseguirá por longo tempo.

Ao canto da «Marselheza». — Durante toda tarde as tropas esparsas pela cidade perseguem os ultimos combatentes marroquinos. Os lejionarios tomaram posse da cidade cantando a «Marselheza», com jeranios e louros nos canos das espingardas. Os cantos continuaram toda noite. Foram disparados poucos tiros de espingarda. Os atiradores estão bebados.

. . . .

Avistam-se os arabes a cavalo que atravessam a galope.

Os seus cavaleiros em giros concentricos fazem cargas rapidas; parecem verdadeiramente a uma *fantasia*: mas os seus tiros, perfeitamente apontados com armas de precisão a tiro rapido chegam as nossas barracas. E é um verdadeiro milagre que os nossos soldados não sejam atinjidos.»

Com seus canhões aperfeiçoados e fuzis do ultimo modelo a França *civilisa* a esses pobres diabos que se defendem com armas antediluvianas.

O correspondente do *Matin* sente-se embaraçado para esplicar o milagre «que os nossos soldados não sejam atinjidos».

E' uma verdadeira ironia, o trecho em que diz: «seus tiros perfeitamente apontados com armas de precisão a tiro rapido que chegam as nossas barracas» mas não conseguem ferir ninguem!

Deixamos maiores comentarios a cargo do leitor, emquanto a nos, diremos: Abaixo semelhante civilização!! (N. da R.)

A guerra é a preteução comum á mesma proprie tade. — *Diderot.*

Notas & Cifras

Os reis do dinheiro

O Rei do Aço, Charles M. Schwab, deu á sua irmã que se vae casar, um dote de $4 000 000, além de valiosissimos presente de joias.

Um jornal burguez lembra que quando, recentemente, miss Pierpont Morgan se casou com o sr. Satterlee, o pai lhe deu titulos do valor de um milhão de dollars. uma casa com proporções de palacio nas marjens do Hudson, uma tiara, um colar e um broche de brilhantes de um preço fabuloso.

Outra filha de milionario, miss Laura Mc Lanchlin, recebeu um milhão de dollars em presentes. entre os quasi um serviço de jantar de ouro massiço e um collar de brilhantes cujas pedras eram de 9 1/2 quilates cada uma.

Compensando tudo isso. porém, ha nos Estados Unidos uma terrivel crise de trabalho, reduzindo o operariado á miseria e obrigando um grande numero de familias proletarias a emigrar para a Europa, na esperança de lá encontrar quem lhes alugue os braços em troca do pão quotidiano.

Isto chama-se ordem...

Fim de ano

Vou fazer bal·nço de minhas economias. Trabalhei doze meses, ganhando 90$000 por mes; não perdi nenhum dia, porque sou padeiro, cujos patrões não nos dão descanço. Tenho mulher e tres filhos para manter. Minha companheira gasta 2$000 por dia, para a sua alimentação e dos tres pequenos. Pago 20$000 de aluguel de casa e mais 3$000 de agua e limpesa por mes, isto mesmo é por ali moramos com outra familia. Soma total: 83$000 de despeza mensal; restam-me agora apenas 7$000 para vestir e calçar a mim e a minha familia.

Agora, digo eu, venham os srs. economistas, defensores fervorosos do capital, a ver se com toda a sua economia, poderão acumular um capital com o salario que ganha um trabalhador.

Hão de querer dizer-me que os capitais tiveram sua orijem no trabalho. Assim dizem os economistas, e quanto a isto tambem estou de acordo.

Mas como é que os trabalhadores que trabalham 10, 12 horas por dia andam quasi sempre sem abrigo, sem roupa e sem pão, quando deveriam ser ricos pelo muito que trabalham, ao passo os que nada fazem vivem na fartura?

Com as condições sociais vijentes o operario jamais poderá passar de escravo, salvo raras escepções.

Poderá, no macsimo, economizar com escessiva uzura uns poucos vintens, privando de dar ao estomago e ás suas mais necessidades o necessario.

Admitamos agora (isto na hipotese que tudo lhe occorra ás mil maravilhas) que consiga reunir uns cobres e com ele estabelecer-se, por esemplo, com uma alfaiataria.

Um dia abarrota-se de trabalho; toma dois operarios. Paga-lhes 4$ e lhes rouba 2$. E assim, sucessivamente vai desenvolvendo seu estadelicimento, aumentando o numero dos operarios e com eles o capital.

Por isto digo que a orijem do capital é um roubo e efectivamente.

Os fazendeiros roubam o suor aos homens e a vida aos animais, que são propriedade da natureza.

Para manter a sua vida, sacrificam inumanamente mil e tantas outras.

Afim de poderem passar uma vida em pompas e orjias e levar por diante todos os vicios que corroem a sua podre constituição fisica, roubam á mãe natureza a propriedade que a ela unicamente pertence. Ela no-la deu para que indistintamente todos nós usofruissemo-la, e não nos disse que isto aqui era de Pedro e aquilo acolá de João.

Como então varios se hão apoderado dela, se tudo pertence a todos?

A propriedade deve ser comum, e o que a possúe é um esplorador. Por esta razão sou partidario da greve geral revolucionaria.

BERNARDO GIMÈNEZ.

A nossa quermesse

Com o macsimo brilhantismo foi levada a efeito nos dias 14 e 15 do mes p. passado a quermesse promovida pelos amigos da LUTA e em beneficio desta.

Sabado, foi estraordinario o numero de familias e cavalheiros que compareceram ao baile realizado no salão «1º de Maio», sendo de notar o entusiasmo e satisfação dos operarios que ali foram levar o seu concurso á nossa festa.

A's 9 horas, o nosso companheiro Gómez Ferro, leu uma conferencia, que foi entusiasticamente aplaudida pela numerosa assistencia.

Em seguida o camarada Bernardo Giménez dirigindo a palavra ás senhoras, concitou-as a que, por todos os meios, procurassem afastar seus maridos, seus noivos, seus irmãos e seus filhos da vida aviltante da caserna onde o individuo se dejenera e torne-se inimigo da sua propria especie.

Um avultadissimo numero de bilhetes dos sorteios foi passado pelas gentis quermessistas, que empregaram os melhores esforços em prestar seus serviços ao nosso periódico.

Domingo, á tarde, com a mesma animação, continuaram as diversões, sendo então feita a distribuição dos innumeraveis briudes da quermesse.

Muitas pessôas, comtempladas com valiosos premios, restituiram-nos, de presente para a LUTA, afim de, oportunamente, ser feita uma rifa ou outra quermesse em pró da mesma.

—

Dois amadores do foto-club „Germinal" tiraram algumas fotografias de grupos.

—

A commissão promotora da quermesse agradece, por nosso intermedio, a todas as pessôas que espontaneamente prestaram seu concurso á essa festa.

Agradece especialmente ás senhoritas que serviram de quermessistas os esforços que empregaram para maior brilho da diversão.

—

Durante os dias da quermesse foram ainda recebidos os segnintes objectos:

D. Natalina Trussardi, 1 belissima chicara.

D. Antonia Renoldi, 1 porta-toalhas.

D. Luiza Trussardi, 1 copo de cristal.

José Feria, 1 porta berloques, de croché.

José Nasi 6 meias gar afas de lic r de essegos; 6 garrafas «Lagrima»

Julio Winckermann, 1 artistico ramalhete.

D. Julieta Sponger, 1 copo.

Alipio Ronca, 4 pacotes de charutos.

Paulino Oliveira, 1 trabalho de flores; 1 copo; 1 chicara e 1 sabonete.

Hartmann, 3 livros em alemão.

Merje, 1 porta-retrato e 2 chicaras.

D. Rosa l erse, 1 copo.

D. Carmella Fornari, 1 bonita chicara.

D. Lidia Candida de Oliveira, 1 compoteira.

D. Alzira Fisch, 1 linda chicara

Ladario Traugott, 2 metros de fitas.

Cecil o qinorá, 1 cesta de flores

Damiani, 25 charutos.

José Fogueteiro, 3 foguetes de ista.

—

BALANCETE DE RECEITA E DESPEZA DA QUERMESSE REALIZADA EM BEFICIO DA *Luta*:

Receita	
Venda de bilhetes para os sorteios ns. 1 e 2.....	430$000
Donativos....	25$000
	455$000
Despesa	
Salão.................	67$100
Iluminação esterna......	6$600
Convites, envelopes, fitas impressas e cartões.....	30$500
Musica...............	80$000
Carretos............	2$000
	186$200
Resultado:	
Receita..............	455$000
Despesa..............	186$800
Saldo........	268$800

O tesoureiro da quermesse
Luiz A Cardoso

A quantia acima foi entregue pela comissão da quermesse ao tezoureiro da LUTA, nosso companheiro Polydoro Santos.

A PATRIA

A nacionalidade é uma ficção não somente absurda como tambem perigosa. A idea patriotica como a idea relijiosa são superstições que a burguesia inventou afim be guiar e matar o povo. Para esplorar mais a vontade as classes obreiras e para incutir-lhes paciencia, os embala na esperança de uma vida melhor em outro mundo. E quando este meio já não basta quando vê que espremeu e chupou bem aquilo que chama desdenhosamente populacho, que a besta enlouquecida e morrendo de fome tem necessidade de uma presa, a burguesia a atira então sobre um outro povo e fá-lo voltar contre seus irmãos as armas que deveriam empregar contra seus opressores.

OSCAR KLEMICH

Depois da Revolução

As revoluções politicas que se satisfazem em elevar os homens ao poder, para depois os fazer cair, substituindo-os por outros, limitando a uma simples mudança dos orgams já gastos mas conservando o mesmo funcionamento social, essas revoluções podem realisar, mais ou menos rapidamente, a sua obra. Apenas, porém, conseguidos os seus resultados immobilisam-se. Logo que aquelles que fizeram a revolução, ou, falando com mais propriedade, os que a mandaram fazer, espulsam do poder os que representam um obstaculo ás suas ambições, ali se instalam comodamente. O *depois* da revolução chega quando, assegurado já, completamente, o seu poderio, assegurada fica tambem por completo a sua denominação.

A Revolução social, como nós a comprendemos, não pode realisar-se de uma maneira tão repida. As proprias revoluções politicas não são mais do que simples episodios dessa Revolução social. Ou elas triunfem ou elas fracassem, em nada podem contribuir no resultado final. Algumas vezes, como sucedeu com a insurreição comunista de 1871, a sua derrota transforma-se num ponto de partida para um movimento de idéas, muito mais fecundo, muito mais grandioso, que essa insurreição seria capaz de realisar se tivesse vencido.

A repressão que seguiu a derrota, tomou n'aqueles momentos o caracter de um enorme retrocesso. A reação parecia triunfante e não ocultava os regosijos. O proletariado, a breve trecho, tinha de dobrar a cerviz; uma vez para sempre, debaixo dos seus donos politicos e economicos.— Dezde esta época as reclamações operar as adquiriram um caracter economico muito pronunciado, e os trabalhadores, fartos de sofismas, comprehenderam emfim que as modificações são incapazes de ezercer a minima influencia na sua situação economica, que a autoridade não é mais de que um instrumento e que o capital é o verdadeiro amo e senhor.

J. GRAVE

Reproduzido por ter saido incorrecto.

No prossimo numero publicaremos:

O Parlamentarismo.
O Sorteio Militar.
Porque Somos Anarquistas.
O Congresso Anarquista.
Quanto custam as guerras.

Contra o militarismo

Por todo Brasil se vai levantando um geral movimento contra a iniqua lei do serviço militar obrigatorio.

Nutrimos esperanças de que não vingará a tentativa de militarização do povo para sacrificar o proprio povo em proveito esclusivo de uma classe que se arroga o direito de representar a patria para melhor poder esplorar os que sob o jugo do capital se vêm forçados a trabalhar para dahi tirar sua subsistencia.

Vivemos em novos tempos, tempos em que os povos, independentemente dos governos, procuram se aprossimar cada vez mais e ninguem, a não ser os sugadores do sangue operario, pensa em mover guerra aos seus vizinhos. Todo mundo já reconhece que os governos só fazem guerra quando querem e quando convem aos interesses da classe parasitaria da sociedade, que é a burguesia.

O proletariado quer trabalhar e anceia por um melhor estado social, em que melhor possa dar espansão á sua actividade e viver mais humanamente.

Lonje está do seu espirito as negras ideias de preparativos guerreiros para agredir os seus co-irmãos de além fronteiras e que como os operarios de toda parte sofrem as mesmas consequencias do sistema economico actual.

A época é de paz e de raciocinio para os trabalhadores e emquanto os dirijentes pensam estupidamente armar braços assassinos para defender os seus e os previlejios da burguesia, o operariado começa a destender os musculos para abater os insaciaveis esploradores que nos reduzem á mizeria.

Caracterizando esses sentimentos da classe laboriosa, vem se fazendo o actual movimento entre os brazileiros, condemnados pela nova lei a se fazerem soldados.

As associações operarias do Rio, S. Paulo, Santos e de outros pontos do paiz começaram a reação contra a lei do serviço militar obrigatorio.

A Federação Operaria do Rio de Janeiro fez distribuir por todo Brasil o seguinte enerjico manifesto que com satisfação trasladamos para as nossas colunas:

Trabalhadores:

Temos sido vilmente enganados desde que nos entendemos por gente, nós que somos esemplo de boa fé e que temos sido resignados até agora, já sabemos o que estão tramando aqueles que sustentamos com o suor do nosso rosto e com sacrificio até dos nossos. Se não sabemos bem o que se passa, sabe-lo-emos em breve.

Um marechal, ministro da guerra, porque da guerra vive como os que lhe deram esse cargo, para ser a primeira autoridade militar do Brasil e merecer a benemerencia dos seus iguaes, resolveu enviar ao parlamento um projecto de reorganização do esercito e sorteio militar obrigatorio. Este, inflamado de patriotismo pago a 75$ por dia, fóra os arranjos, discutiu e votou o tal projecto. A principio as esclusões eram odiosas—ficavam isentas certas classes parasitarias e nocivas á sociedade. Considerando então os lejisladores emendaram a mão e ampliaram o sorteio que atinje agora a todos os cidadãos validos.

Nós, entretanto, sabemos que, se bem os homens da lei façam ver que não haverá eceções, elas serão um facto e só os homens do povo, os trabalhadores serão sacrificados, pagando o tributo de sangue se o projecto fôr posto em esecução. Mas a conciencia proletaria vai despertando no Brasil e o trabalhador escravo do patrão e por ele roubado vilmente, enganado pelos politiqueiros, espingardeado pelos soldados quando reclama, não quer, pode e não deve ser soldado. Pois se nem o minguado pão ele tem, como irá defender a patria que é uma abstração e o interesse dos governantes?

Não. Os trabalhadores aviltados quer pela miseria quer pela opressão não podem ser arrancados ao lar e ao trabalho para servir a seus amos.

Demais, ser soldado é consentir em escravizar-se ainda mais do que um trabababalhador. O militarismo é a escola do crime e o soldado não é mais do que um assassino mascarado e pago.

Terminando diremos: A patria é de quem rouba e esplora, a patria é o previlejio e o monopolio; a guerra uma monstruosidade filha do intersse e da rapina. Nós operarios, não temos privilejios, não esploramos e não monopolizamos cousa alguma; pelo contrario, somos vitimas daqueles que nos querem fardar e armar para que amanhã avancemos contra nossos irmãos de alem frontetras por pretendidos insultos.

Nada de patria, trabalhadores, nada de militarismo. Conqnistai, companheiros a vossa liberdade dentro da luta directa e repeli os intermediarios.

Negai-vos a ser soldados, negai-vos a atirar contra os vossos irmãos.

A oposição tenaz ao serviço militar obrigatorio só a podereis levar a cabo sendo solidarios.—O govorno lançará mão da violencia para reprimir a revolta conciente dos operarios que se negarem a servir. Não importa! Lancemos tambem mão de todos os meios para defendermo-nos. A liberdade não é um presente dos governantes, é uma conquista que as vezes custa.

Reaji contra o serviço militar obrigatorio, com todo ardor! Avante!

A luta, pois, bradando: Viva a solidariedade!

FEDERAÇÃO OPERARIA DO RIO DE JANEIRO.

A «Terra livre», periódico libertario, vende-se nesta redacção a 100 réis o esemplar.

Patria e Internacionalismo

(ESTUDO FILOSOFICO)

Do célebre criminalojista e sociologo A. Hamon. Nesta redação a 200 réis o volume.

O nosso periódico acha-se á venda nos seguintes locais: — quiosques ns. 1 e 2 da praça da Alfandega e na engraxataria *KOSMOPOLITA METIEJO*, á rua Marechal Floriano.

A MULHER

A mulher, tipo acabado de perfeição plástica, foi desde a mais alta antiguidade, o objecto de estudos protundos por parte de livre pensadores e de eminentes sabios.

Sobre a mulher já se tem dito muitas verdades, graças á luta constante em que os puros liberais de todo o mundo estão empenhados afim de lhe fazer adquirir o seu verdadeiro lugar no recinto social, visto que a sociedade, para modificar-se, esije como condição essencial que a mulher esteja completamente emancipada dos preconceitos que a sufocam e que tenha uma educação cientifica e moral que lhe adorne o espirito; de facto, as impressões que nós, homens, recebemos de nossas mães, desde a infancia, quando boas, perpectuam-se até a morte; e isto só porque elas, só elas, sabem comprehender, sabem consolar as aspirações do coração infantil.

Educada a **mulher** convenientemente teremos a humanidade (digo esta palavra porque não tenho outra que se estenda a mulher) preparada para o bem em pouquissimas gerações, porque é nela que repousa a possibilidade da rapida evolução moral actual, visto ser ela a primeira pessoa que nos procura dar a nossa vida uma direcção segura.

Se lançarmos as vistas sobre o passado social, nas imorais combinações conjugais, veremos que a mulher foi sempre vitima, por parte do homem, do despreso, da violencia, de abominaveis tratos, conservando-se não obstante sempre meiga, afavel, compartilhadora dos infortunios, dos trabalhos e das esperanças do homem.

O homem, sempre com a sua prepotencia masculina, produziu a devastação, foi sempre peor que uma fera; á sua incostancia, á sua variabilidade no modo de pensar é que devemos o andar a sociedade sempre em continuos trambulhões.

Estudando-se um pouco a sociedade actual defrontamos ainda hoje com a grande diferença social estabelecida entre o homem e a mulher. A' mulher não se ministra a mesma quantidade de instrução necessaria; ela não pode usar dos direitos que naturalmente lhe assistem e, em nacendo-lhe os filhos, nem sequer o seu nome no deles figura, como se somente o homem cooperasse a nossa construção.

O trabalho industrial lhe é muito mal recompensado, a prostituição as espera quando não tiverem mais um pão para matar a fome. Não tem direitos politicos que lhe sejam relativos, enfim é obrigada pela força a ser escrava, propriedade do homem! E digo eu aos meus iguais, poderá a sociedade continuar assim?

Teremos corajem de assistir impassiveis a esses horripilantes espectaculos, consequencia do antigo sistema das selvas?

Não conviria defender o direito dos oprimidos em qualquer parte em que estejamos? Sim, pela tribuna, pelos livros, e todos os meios ao nosso alcance.

Sacrifiquemo-nos a favor de tudo que é altamente nobre e moral, pois só assim procederemos de acordo com a nossa conciencia, se é que somos homens emancipados, cientes de que as belas ações não ficarão esquecidas na noite dos tempos.

Ladario Traugott.

FACTOS E COMENTARIOS

Á ORDEM...

Noticia um telegrama:

«Santiago 30. — Receando que se dêem serias desordens, a 1º de janeiro, por parte dos operarios em greve, o governo tomou providencias enerjicas e estraordinarias. As tropas de guarnição nas cidades em que ha ajitação foram devidamente municiadas como em tempo de guerra e com ordem de espingardear como revolucionarios os grevistas que desobedecerem á intimação da policia».

E aí tem para que o povo mantêm em pé de esercito os que sairem de seu proprio seio afim de trocar os habitos de operarios pela farda de soldado. Quando, depois de muito sofrer as esplorações capitalistas, se resolvem os trabalhadores arrancar-lhes algumas concesões ou protestar contra suas injustiças, o governo manda municiar como em tempo de guerra os soldados pagos pelo povo para espingardear como revolucionarios os grevistas que desobedecerem a intimação da policia.

Querem mais claro?...

AJITAÇÃO DE INQUILINOS

E' ainda o telegrafo que nos dá o seguinte:

«Washington, 30. — Em New-York toma caracter alarmante os protestos da população pelo escessivo preço dos alugueis de casa. Realizando um colossal *meeting* de protesto, a multidão tornou-se ameaçadora. Intervindo a policia, para acalmar os animos, foi desreipeitada. Deram-se desordens e conflictos. A muito custo, por meios suasorios, conseguiu restabelecer a ordem».

Acreditamos que realmente foi o movimento colossal, sem o que a policia não empregaria os meios suasorios. Pois é sabido que para as reclamações operarias o melhor remedio é... bala.

A METRALHA!

Uma amostra de como o esercito é defensor da integridade da patria... dos capitalistas:

Ha dias, noticiam os telegramas, ter havido um forte movimento de greve geral em Iquique (Perú).

A policia procurando manter a *ordem* já tinha esbordoado, prendido e maltratado os operarios. Interveio então o esercito, por ordem do governo, e fazendo uso das metralhadoras, produziu uma verdadeira hecatombe, morrendo nesse encontro 114 grevistas e

ficando grande numero de feridos. Dos soldados apenas 4 morreram.

De forma que o esercito que dizem ser para defender a patria, se põe ao serviço de uma classe e bombardeia os proprios patricios que usando dos seus direitos de homens reclamam contra os esbulhos de que são victimas por parte dos patrões.

A nós, operarios, cumpre prepararmo-nos para, por todos os meios, resistirmos á essa alcateia de lobos que tenta pela violencia organizada e disciplinada nos reduzir a escravos dos potentados do capital.

G HEVÉ

Por ter profligado vivamente o continjente de tropas francesas destinadas e já em marcha para Marrocos, o general Picquart, ministro da guerra, mandou instaurar um processo contra o notavel anti-militarista Gustavo Hervé.

Como se vê a decantada Conferencia da Paz está dando seus resultados...

A guerra

As guerras não dependem, hoje, da fantasia pessoal dos principes ou dos membros governamentaes. Estes são apenas instrumentos, bonifrates postos á frente, ao passo que os verdadeiros autores ficam no segundo plano. Os verdadeiros reis são os financeiros, os banqueiros, os capitalistas. Os proprios capitalistas sabem-no muito bem. Ha anos estava a Europa mais uma vez ameaçada por uma guerra. Por esta ocasião houve em Paris um grande baile onde estiveram diplomatas e tambem Mme. Rothschild. Um desses diplomatas, depois de dansar com ela, perguntou-lhe:

— Que diz minha senhora, ha ou não ha guerra?

A mulher de Rothschild deu resposta breve e clara, e que todo o operario deve gravar na memoria; é mais eloquente do que todos os livros, do que longas esposições. Ela respondeu:

— Não senhor, não ha. Meu marido não dá dinheiro!...

O dinheiro é, pois, o nervo da guerra.

Porque se fazia na antiguidade a guerra? Porque se faz ainda hoje?

Primeiramente é a fome que leva a isso. Nos tempos primitivos o homem selvajem tinha um interesse em fazer a guerra. Se era vencedor o inimigo era o seu banquete. Mais tarde, a sua posição tornou-se outra, mas a guerra ficou no fundo a mesma cousa. O vencedor fazia trabalhar o vencido em seu proveito. Apoderavase do solo, dos meios de produção e como consequencia podia melhor prover ás suas necessidades.

E' o que sucede hoje, como sucedeu já na edade media. Os industriais, os capitalistas, quando ha subconsumo, que devem fazer dos seus produtos? Devem procurar novos mercados ás suas fazendas? As nossas guerras são pois guerras comerciais, sociais. Em vez de aumentar neste logar o numero de consumidores de modo que estes comprem os generos, procura-se fóra o mercado. Os nossos economistas gritam que ha superprodução visto que têem os seus armazens a abarrotar, ao passo que os produtores não ganham quasi nada. Isto é uma mentira. Não é *super* produção, é *sub* consumo que deve dizer-se. Como Fourier disse um dia: «nós sofremos de miseria porque ha muito» nós temos fome porque ha muito pão, nós andamos mal vestidos por que ha muito fato, nós não temos çapatos porque ha muito sapatos. Eis o sabio contrasenso que nos ensinam as universidades! Portanto faz-se a guerra para encontrar novos mercados em todos os pontos da terra, com o fim de dar vasão aos *stocks*. As nossas guerras provêem das nossas más relações sociais. Elas têem ainda outra consequencia: servem de um desafogo para os povos da Europa, como fazia notar um general. Ha tantos sem trabalho!

Isto acabou por constituir um perigo. Se por uma guerra podem desembaraçar-se de todos esses elementos incomodos ela é uma verdadeira valvula de segurança para a *nossa* sociedade.

Portanto a guerra tem um duplo fim: desembaraçar de mercadorias e desembaraçar de pessoas incomodas.

Porque pois, as guerras? Porque os homens de dinheiro as querem, porque elas enchem-lhes os cofres. E é preciso que estes estejam cheios, porque para a burguesia a dinheiro vale mais do que os homens. Ganhar dinheiro, eis o supremo fim da burguesia e podem estar seguros de que um burguez sacrificaria a *sua patria* a perder uma ocasião de enriquecer. Não foram capitalistas ingleses que forneceram ás republicas sul-africanas os canhões e as munições que serviram mais tarde para dar cabo dos soldados ingleses?

O ministro Chamberlain não era um dos maiores acionistas da fabrica de armas de guerra que fazia tão belos negocios com os fornecimentos para as republicas sul-africanas?

As fabricas inglesas e alemãs não vendiam aos chineses a artilharia as espingardas de que estes se serviram depois contra as potencias coligadas?

Toda a guerra chino-japonesa não foi outra coisa senão uma obra combinada pelos financeiros. Pois bem! os financeiros constituem a burguesia.

Todas as guerras são egualmente guerras de banqueiros (*).

DOMELA NIEUWENHUIS

(*) Haja vista aos 150 milhões de francos que os banqueiros da França tão *solicitamente* emprestaram a Maarrocos, e os fundos mandados da Alemanha a America do Norte que ostensivamente está preparando uma guerra de preponderancia comercial contra o Japão (N. da R.)

Prostituição

Soror Henriette Arndt, que foi adida, durante cinco anos, ao serviço da penitenciaria especial para meretrizes, em Stocolmo, tomou sobre aquelas infelizes, notas assás curiosas que, reunidas, publicou recentemente num volume.

Entre outras causas orijinarias da prostituição, já conhecidas, citamos os seguintes casos tipicos:

«Duas irmãs, presas umas quantas vezes como prostitutas, entregavam os lucros todos do meretricio aos pais velhos e ás suas irmanzinhas».

Uma outra «se prostituia, para fazer estudar o irmão».

Mas o mais caracteristico dos casos é este:

Uma prostituta, ás perguntas de soror Henriette, respondeu: «Sei de tudo; mas não tenho noção alguma do que seja o bem. Ninguem me falou nele. Na minha casa nunca vi nada de bem. Meu pai foi condenado muitas vezes ás galés e, faz alguns anos morreu, em briga. Minha mãi está constantemente embriagada e neste momento mesmo está presa por caftismo. Meu irmão está preso por roubo. Minha irmã está num postribulo. Outro irmão e outra irmã desapareceram de casa e nunca se soube nada deles.

Não posso, pois, imajinar que se possa viver de um modo diferente do que estou vivendo.

Não acredito nem no Diabo nem em Deus; e Á REDENÇÃO POR MEIO DO HOMEM ainda menos».

Eis ai, nas palavras dessa prostituta, pintada ao vivo o bonito sistema da actual sociedade:

Corupção por todos os lados e nada mais!

Congresso anarquista

SINDICALISMO E GREVE GERAL

A moção de Malatesta, Vohrizek, Wilquet, Cornélissen, Marmande, Ema Goldman, etc.

«O Congresso considera os sindicatos como organisações de combate na luta de classe para melhoramento das condições do trabalho, e como uniões de produtores susceptiveis de servir para a transformação da sociedade capitalista numa sociedade comunista-anarquica;

Por consequencia, o Congresso, admitindo a necessidade eventual da fundação de sindicatos revolucionarios particulares, recomenda aos camaradas que sustentem as organisações sindicais gerais onde são admitidos todos os operarios duma mesma categoria. Mas o Congresso julga que a tarefa dos anarquistas é constituirem nessas organisações gerais um elemento revolucionário, propagarem e defenderem sómente as formas e manifestações de acção direta (greve, boicotajem, sabotajem, etc.), que trazem em si um carácter revolucionario no sentido da transformação da sociedade capitalista.

Os anarquistas consideram o movimento sindical e a greve geral como poderosos meios revolucionarios, mas não como substitutos da revolução. Recomendam além disso aos camaradas, que no caso da proclamação duma greve geral para conquista do poder, façam tambem greve, mas incitem ao mesmo tempo os sindicatos a fazerem ouvir emtão as suas reivindicações economicas.

Os anarquistas pensam que a destruição da sociedade capitalista e autoritária só com a insurreição armada e a espropiação revolucionária se pode realzar, e que o emprgo da greve mais ou menos geral e o movimento sindicalista não devem fazer esquecer os meios mais diretos de luta contra as forças militares e o governo."

Movimento operario

Greve de chapeleiros

A 31 de dezembro deu-se um simpatico movimento de solidariedade na fabrica de chapeus do sr. Kessler, no Caminho Novo.

Deu motivo á manifestação dos operarios o seguinte:

Naquele dia, como de costume, esperavam receber os seus salarios, quando o dono da fabrica veiu lhes comunicar que não fazia o pagamento por não querer tirar dinheiro do banco, pois se o fizesse seria prejudicado nos juros; deu então a cada operario 5$ «para a farra», prometendo pagar o resto depois.

Quatro deles não quizeram aceitar esse novo sistema de pagamento, e despediram-se; em seguida mais seis imitaram-n'os. O sr. Kessler disse-lhes que podiam ir embora quando quizessem. O contra-mestre intervindo então comunicou que si aqueles fossem despedidos, todo o pessoal se poria em greve.

O sr. Kessler, com a voz embargada por lagrimas de crocodilo, disse que tudo ficara sem efeito e que podiam voltar ao trabolho. Manifestou vontade de escluir um operario que lhe havia dito algumas verdades, mas o pessoal declarou que si aquele fosse despedido todos se poriam em greve. O patrão desistiu então e tornou-se ás bôas.

E assim terminou satisfatoriamente esse belo esemplo de solidariedade.

A LUTA

Subscrição voluntaria

Lista da redação. — Cardoso 100, Dulinski 200. F. Mar 2$. Prestes 600. Adão 300. Mello 200. Total 3$400.

Lista de *** (Santa Maria) — João A. Sabino 800 *** 1$000. R. G. Ferro. A. Diniz. A Golfareli, A. Rocha. João Cardozo 500 cada um. A. Charão 400, por intermedio do veterano Paulino Künakfugs 2$100. A. Ronquetti 1$000 José Knob 1$000. Liga Operaria 5$000. Sobra 200 Total 14$000.

Balancete

DESPEZAS

Deficit do n. 24......	3$800	
Despezas com os ns.. 24 e 25.............	72$800	
Carretos...............	9$000	85$600

ENTRADAS

Lista de S.Maria......	14$000	
Grupo editor..........	15$000	
Lista da redação.....	3$400	
Producto da quermesse..................	268$800	301$200
Saldo.................		215$600